

O mercado informal de Maputo (Moçambique) e a feira de Xipamanine: entre curiosidades e vivências no continente africano

João Henrique Santana Stacciarini

da Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais - Brasil
joaostacciarini@hotmail.com

Laira Cristina da Silva

da Universidade Federal de Catalão - Goiás – Brasil
laira_43@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho é fruto de Missão Científica realizada em outubro de 2016, juntamente com diversos estudos teóricos referentes a República de Moçambique (Continente Africano). A capital nacional Maputo, com seus 1,2 milhões de habitantes, é digna de paisagens e desdobramentos intrigantes, sobretudo com relação ao pujante mercado da economia informal – responsável pela ocupação de grande maioria da população. Desta forma, o presente trabalho científico se apoia na apresentação e discussão das ricas experiências vividas e observadas pelos “entroncamentos” viários e espaços de reprodução social da informalidade moçambicana – as vielas e ruas de onde parecem “nascer/surgir” vendedores dos mais diversos gêneros, que vão desde alimentos, bens de consumo simples, transportes “clandestinos”, fármacos medicinais, serviços de beleza, dentre tantas outras peculiaridades que fazem de Maputo um lugar único.

Palavras-chave: Vivência. Informalidade. Moçambique.

Introdução

Passar um período em Moçambique – país que atualmente detém o quinto menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do planeta (PNUD, 2016) – é uma experiência única. As semelhanças da, também, colonização portuguesa, assim como a grande presença de descendentes africanos na matriz de formação étnico-social e cultural do Brasil, estabelecem diversas semelhanças entre nossos cotidianos e modo de ser.

O intenso calor tropical, que eleva facilmente a temperatura acima dos 30°C, parece não abalar a serenidade, entusiasmo e bom humor do povo moçambicano, sempre disposto a contribuir de forma positiva, sejam em simples orientações nas ruas que cruzam a movimentada e emblemática capital Maputo, ou ainda dentro de uma van no caótico “sistema” transporte da metrópole em crescimento.

Entretanto, vale destacar, as similaridades não são excludentes das diferenças. Muito se faz – ou se deixa de fazer – entre os mais de 9.000 quilômetros que separam os

dois países. As distintas historicidades que levaram a divergentes desenvolvimentos econômicos, as relações de poder, os destinos separados por mais de 150 anos de emancipação colonial brasileira frente a Moçambique, bem como diversas outras diferenças, contribuem para o aparecimento do “novo” aos olhos de quem vem de fora. Observações, reflexões e inferências que apenas a troca de saberes, o intercâmbio de conhecimentos e a vivência/convivência com o “mundo do outro” podem oferecer.

Frente a este contexto, as experiências de formação e vivências externas à sala de aula, ao ambiente acadêmico e ao “mundo habitual” da realidade cotidiana, são de suma importância para a ampliação do conhecimento e do avanço das relações interpessoais entre os mais diferentes povos, culturas e gêneros. Borges (2001) destaca que os saberes não são estáticos, definitivos, mas, ao contrário, cada um deles é pessoal, provisório e evolui com o tempo e a experiência, tendo ainda forte valor cultural, capaz de se ampliar e modificar a partir da troca de experiências e das reflexões coletivas.

Sobre isto, Miranda et. al (2012) reforçam que a troca de saberes é uma estratégia pedagógica que tem como proposta integrar e articular diferentes projetos e vivências em busca do fortalecimento de práticas de extensão dialógicas, com maior participação dos sujeitos sociais, assim como de interligação das atividades de extensão-ensino-pesquisa.

Ainda por este caminho, Miranda et. al (2012) avalia que estas trocas de conhecimentos possuem como bases a utilização de metodologias participativas, com destaque para a pesquisa-ação e a interdisciplinaridade e buscam como resultados o compartilhamento de estudos e conhecimentos produzidos socialmente, seja em âmbito acadêmico (institucional) ou em práticas de saberes popularmente construídos e que irão possibilitar uma reinterpretação/elaboração de novas formas de ações e de agir, buscando alcançar a melhora da qualidade de vida e da interação entre os diversos entes envolvidos direta ou indiretamente nestes projetos.

É então em meio a este conjunto de novas vivências e experiências, sobretudo através de Missão Científica realizada em Outubro de 2016 no âmbito do projeto de intitulado “troca de saberes e experiências de economia criativa do cerrado brasileiro as savanas em Inhambane/Moçambique” – realizado em conjunto com o Grupo de Pesquisa Dona Alzira (Espaço, Sujeito e Existência – IESA/UFG/PPGEO) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – que tal trabalho se desenvolve.

Sobre o mercado informal de Maputo

Maputo não é apenas a capital política e maior cidade de Moçambique, mas também o principal centro financeiro, corporativo e mercantil do país, reunindo múltiplas infraestruturas, atividades econômicas, serviços médicos, educacionais, além de sediar as grandes organizações comerciais e políticas do país. Fatores que refletem na produção local responsável por mais de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) moçambicano (GOVERNO DE MOÇAMBIQUE, 2017).

Dentre as principais indústrias encontradas na região, destacam-se os ramos metalúrgico, pesqueiro, alimentício, moveleiro e químico, responsáveis, em grande parte, pelo crescimento recente da economia moçambicana a valores superiores a 7,5% no Produto Interno Bruto (PIB).

Entretanto, vale destacar, este crescimento é acompanhado pela ampliação das desigualdades sócias e não se traduz em oportunidades concretas de emprego e renda para parcela significativa da população, que encontra grandes dificuldades para obter condições dignas de vida. Fatores estes que se expressam nos indicadores sociais de Maputo – e de todo o país – apontando para que mais de 50% da população viva abaixo da linha da extrema pobreza (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2016).

Frente ao exposto, Chivangue (2014) aponta à histórica incapacidade de gestão e geração de empregos por parte do Governo, refletindo na deficiência/ausência de postos formais de trabalhos, movimento que destina grande parcela da população às atividades do mercado informal, que se ampliam significativamente nas décadas de 1980 e 1990, quando centenas de milhares de pessoas adotam tal saída na busca pelo escape à miséria generalizada que toma conta de Maputo/Moçambique.

Neste contexto, o sector informal da economia moçambicana, passa a ter grande importância socioeconômica, além de se constituir como fonte de ocupação, renda e sobrevivência da maior parte da população. Assim, a busca pelas condições mínimas de mobilidade social e serviços básicos como educação, saúde e entretenimento, movimentam as estruturas urbanas da capital Maputo que passa a ter ruas ocupadas por milhares de “empreendedores informais” (ambulantes) (MBOKOLO, 2011).

Desta forma, Francisco e Paulo (2006) ressaltam a existência de um “sistema” nacional, muito abrangente, de trabalhadores informais em busca de condições para a amortização da pobreza e busca pela sobrevivência. Dentre centenas de atividades, destacam-se como as mais evidentes no meio urbano os vendedores ambulantes e microempresas, as atividades profissionais liberais como carpintaria, reparadores de veículos, pedreiros, serviços domésticos e atividades braçais em geral, a produção e

comercialização artesanal, além de grande parte do transporte “comunitário” urbano, dentre outros.

Desta forma, ao avaliarmos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), nota-se que apenas cerca de 10% da população total empregada em Moçambique encontra-se vinculada ao mercado formal, enquanto aproximadamente 90% estão atuando em atividades informais, longe de qualquer benefício institucional/estatal (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2011).

Entende-se ainda que, apesar da informalidade ser maior na zona rural – onde atinge cerca de 96% das ocupações, grande parte vinculadas a agricultura de subsistência – parcela significativa da população urbana – aproximadamente 68% – também estão vinculados as atividades informais, enquanto apenas 32% dos trabalhadores ocupados na cidade executam ofícios formalizados (FRANCISCO E PAULO, 2006).

Neste contexto, embora haja dificuldade em se obter dados mais recentes, Schneider e Enste (2002), estimam que a economia informal seja responsável por mais de 40% do Produto Interno Bruto de Moçambique. Entretanto, apesar da ascensão do mercado informal e de sua importância dentro da economia do país, o entusiasmo, de anos atrás – quando este parecia ser uma saída interessante – deu lugar a certa frustração, quanto à incapacidade deste ramo em conseguir gerar amplo desenvolvimento e qualidade de vida para população. Fatores que se expressam no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) moçambicano, que atualmente é representando pelo valor 0.284, o que o coloca na posição 165 entre 169 países de todo o mundo (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2016).

Ainda neste sentido, a ausência de projetos governamentais de desenvolvimento nacional, inclusive para formalização destas atividades, juntamente com a manutenção das situações de profunda miséria e de grande precariedade destes trabalhadores – que encontram-se excluídos dos serviços básicos para reprodução de suas existências – deixam claro os difíceis caminhos para os trabalhadores deste setor (IYENDA, 2005; CHIVANGUE, 2014).

É neste contexto que se encaixa o histórico Mercado de Xipamanine, maior e mais popular mercado informal da capital moçambicana. Criado na década de 1940 e ampliado diversas vezes ao longo do tempo, hoje se constitui como uma das principais atrações de Maputo, recebendo dezenas de milhares de pessoas diariamente – grande parte habitantes da periferia, mas também turistas (internacionais) e visitantes de outras regiões do país – os quais buscam a aquisição de diferentes produtos, tradicionalmente ofertados a um preço mais em conta (MORAIS, 2001).

Neste caminho, segundo dados do Perfil Estatístico do Município de Maputo (2013), o Mercado de Xipamanine tem cerca de 4,5 mil bancas e barracas comerciais, além de mais alguns milhares de “ambulantes”, totalizando aproximadamente 8 mil vendedores (PEMM, 2013). Conjunto que fazem deste local, uma das expressões máximas do poder e tamanho do mercado informal moçambicano.



Figura 1 – Vista Aérea do Mercado de Xipamanine – Maputo (Moçambique).
Fonte: Minube Portugal – Repositório Digital¹.

Por baixo das barracas, em meio ao sol escaldante e aos pequenos corredores sobre o chão batido, circulam milhares de pessoas em diversos fluxos e caminhos, onde se perder de alguém ou de um grupo é algo comum, tornando o ato de se lançar em meio às ruas, becos e vielas de Xipamanine uma grande aventura. A ausência de espaço e delimitações bem definidas, principalmente entre as barracas fixas e os vendedores “ambulantes” que migram entre os espaços de todo mercado, podem provocar sentimentos sufocantes aos que não estão acostumados com grande movimentação e tumultos.

Entretanto, adentrar o Mercado de Xipamanine, certamente uma das localidades mais “badaladas” – mas também caóticas – da capital moçambicana é, sem dúvida, uma experiência única. Este é um lugar onde tudo acontece e também tudo se vende. Talvez a diversidade cultural e de seguimentos comerciais envolvidos no mesmo ambiente seja uma das paisagens mais atrativas e emblemáticas do mercado.

¹ Disponível em: <<http://www.minube.pt/fotos/sitio-preferido/173977/495670>>. Acesso em 21/01/2017.

Em uma breve caminhada é possível encontrar desde hortaliças, temperos, condimentos, peixes, carnes vermelhas, animais vivos, variados tipos de refeições prontas, materiais de costura e beleza, roupas novas e usadas, calçados, material escolar, artesanatos, fármacos, artigos de perfumaria, ferragens e materiais para construção, além de bebidas e os tradicionais produtos eletrônicos importados, como celulares, computadores, tablets, dentre inúmeros outros.



Figura 2 – Diversidade de Produtos e Paisagens no Mercado de Xipamanine – Maputo
Fonte: STACCIARINI, 2016

Desta forma, a quantidade de produtos e objetos disponíveis para venda em Xipamanine é um dos fatores que mais chamam a atenção de quem por ali circula. Neste contexto, recheados de dúvidas e curiosidades sobre o assunto, buscou-se informações através de entrevistas com os comerciantes locais, onde foi-se informado que todo esse volume de produtos, na verdade, vem de diversas regiões do país e, inclusive, do mundo. Sendo assim, informou-se que os animais de pequeno porte, como galinhas, cabras, porcos, dentre outros, são provenientes de regiões interioranas do país. Para sustentar este mercado animal, existe uma pequena rede de comércio de capim – extraído em diversas regiões da capital e entorno – a serem utilizados na alimentação dos animais que ali permanecem até serem vendidos e/ou abatidos.

Outro comerciante, desta vez responsável pelo comércio de roupas usadas, destaca que estas, por sua vez, vêm em grande parte de doações de outros países com destino ao Continente Africano e chegam a Maputo em grandes navios – dando lugar a um comércio clandestino, ao invés da doação, movimentado através de atravessadores com influência no governo e/ou nas instituições portuárias. Entretanto, destaca, também é comum se adquirir roupas dentro da própria capital, sendo estas de doações ou redistribuição de famílias mais ricas para famílias menos favorecidas.

Ainda sobre a origem dos produtos, os calçados, malas, roupas e tecidos novos são provenientes, em maioria, do Continente Asiático, origem indicada por um dos vendedores responsável pela atividade e legitimada pelas etiquetas referentes a China, Singapura, Taiwan, dentre outros. Por sua vez, grande parte dos eletroeletrônicos, bebidas e produtos de maior valor agregado, segundo afirmam os próprios comerciantes, são provenientes da África do Sul ou do Oriente Médio e entram em Moçambique “contrabandeados” pela fronteira com o vizinho sul africano, de onde são espalhados para centros de comércio de todo o país.

Por fim, as hortaliças e demais gêneros alimentares, tradicionalmente mais frágeis e perecíveis, são originários de regiões próximas a capital, ou ainda de cidades circunvizinhas pertencentes à África do Sul, motivos que facilitam a mobilidade e permitem a chegada destes ao mercado durante quase todas as madrugadas, através de pequenos caminhões ou camionetes, pertencentes a atravessadores que fazem a transição entre produtores e comerciantes.

Outras paisagens que chamam a atenção são os percalços com relação à higiene e saúde pública vivenciadas no mercado, as quais se apresentam como grandes desafios para os comerciantes. Ao se deslocar pelo local são recorrentes episódios de esgoto correndo a “céu aberto”, depósitos irregulares de lixo, bem como descartes incorretos de excrementos humanos – muitas vezes realizados em becos ou aplicados em sacolas plásticas. Todo este conjunto de fatores e odores eventualmente despertam sensações de repugnância e náusea aos que por ali transitam.

Segundo relatam os comerciantes locais, a situação se torna ainda mais crítica em dias de chuva, quando o lixo, esgoto e os resíduos humanos descartados de forma incorreta, se interagem com as águas das chuvas, atrapalhando os clientes e invadindo barracas, onde atingem os mais variados produtos – incluindo gêneros alimentícios como peixes, carnes e hortaliças, tradicionalmente expostos sobre o chão (Figura 3).

Neste sentido, em outra entrevista, um vendedor de cabras reclama da quantidade de mosquitos, moscas e lama gerada pela ausência de sistemas de esgoto sanitário,

prejudicando assim o comércio e a saúde dos animais, que não podem ser retirados dali. As reclamações também seguem com comerciantes que trabalham com a venda de alimentos prontos – como marmitas, salgados e doces. Segundo estes, os alimentos são preparados ali mesmo, em geral atrás das barracas ou embaixo das bancas, espremidos pela pequena disponibilidade de espaço. Desta forma, a ausência de água encanada e de esgoto sanitário contribuem para a proliferação de insetos e roedores, os quais atacam e prejudicam a qualidade dos alimentos vendidos, oferecendo risco significativo a saúde pública.



Figura 03 - Conflito de paisagens no Mercado: condições sanitárias x comércio de alimentos.

Fonte: STACCIARINI, 2016

Os impasses não param por aí, vários vizinhos do mercado reclamam da incapacidade em se transitar pela região provocada pelo crescimento de Xipamanine nas últimas décadas. Desta forma, as ruas do entorno são completamente tomadas por vendedores e clientes, não sendo possível trafegar por ali durante grande parte do dia. Aliás, destacam alguns, o funcionamento do lugar se estende por quase todas as 24 (vinte e quatro) horas do dia. Apesar dos momentos de maior movimentação, como do nascer ao pôr do sol, é possível observar algumas barracas e/ou pessoas por toda a madrugada, fatores que ampliam o barulho e dificultam o sossego de quem habita a região.

Destaca-se ainda que o Mercado de Xipamanine já passou por situação de incêndio por inúmeras vezes. Com relação a estes fatos, Siteo (2015) recorda que nos anos de 2003, 2013 e 2015 foram registrados grandes focos de incêndio no local, provocados pela inoperância de normas de segurança, além da ausência de cuidados mínimos e “bom senso” por parte de muitos comerciantes e clientes. Siteo (2015) enfatiza que, nas ocasiões, dezenas de barracas foram consumidas pelas chamas, causando desespero, prejuízos e, inclusive, mortes. Em geral, o fogo se inicia pelas precárias instalações elétricas ou por descuidos com a utilização de materiais inflamáveis e químicos, podendo, rapidamente, atingir depósitos e bancas de roupas e tecidos, bem como as próprias estruturas das tendas – em grande parte edificadas com madeira e lonas.

Entretanto, engana-se quem pressupõe que não exista progresso em Xipamanine. Apesar das imensas contradições e precariedades na gestão e infraestrutura do mercado, há quem consiga estabelecer vida próspera com o comércio realizado ali – ainda que estes sejam minoria (PAULO e ROSÁRIO, 2007). A crença popular de que o lugar “cheira dinheiro”, devido ao grande fluxo de pessoas que ali circulam, consegue se materializar para alguns afortunados, principalmente os que conseguiram se estruturar ao longo de vários anos e hoje podem ter funcionários e até mesmo meios de transporte para buscar produtos em outras regiões, eliminando assim o papel dos atravessadores.

Considerações finais

Participar de Missão Científica pela pulsante cidade de Maputo e seus mais de 1,2 milhões de habitantes, oferece experiências que transcendem as realidades e convívios brasileiros. A força da economia informal – adotada como estratégia de reprodução social e para a fuga da miséria – se apresenta como marca registrada da capital moçambicana.

Em meio a tudo isto, acompanhar essa realidade diversa e conviver com paisagens tão distintas se apresenta como oportunidade única. A ‘atmosfera’ vivenciada no Mercado de Xipamanine exprime o drama cotidiano da luta pela sobrevivência, que se apresenta no “rosto e semblantes” de milhares de trabalhadores e clientes, se contrastando com simplicidade, bom atendimento, sorrisos, apertos de mão e diálogos oferecidos em meio a esta magnífica jornada de sensações, sentimentos e emoções.

Nota-se que os problemas socioeconômicos moçambicanos são estruturais e de complexa resolução, visto que ainda atingem grande parcela da população. Os impasses não estão somente nos bairros miseráveis ou nas desigualdades sociais gritantes, mas passam ainda pela ausência de poder/atuação do Estado em diversas partes do território,

movimentos que refletem paisagens simbólicas emblemáticas que misturam o velho e o novo, o moderno e o obsoleto, o rural e o urbano, conjuntos que são incrementos da difícil tarefa do governo moçambicano para as próximas.

The maputo informal market (mozambique) and the xipamanine fair: among curiosities and experiences on the african continent.

Abstract: The present work is the result of a Scientific Mission held in October 2016, together with several theoretical studies concerning the Republic of Mozambique (African Continent). The national capital Maputo, with its 1.2 million inhabitants, is worthy of intriguing landscapes and unfoldings, especially regarding to the booming informal economy market - which is responsible for employing a large majority of the population. In this way, this research is based on the presentation and discussion of the rich experiences lived and observed by the road junctions and spaces of social reproduction from the Mozambican informality - the alleys and streets from which sellers of the most diverse genres appear, Ranging from food, simple consumer goods, "clandestine" transport, medicinal drugs, beauty services, among many other peculiarities that make Maputo a unique place.

Keywords: Experiences. Informality. Mozambique.

REFERÊNCIAS

BORGES, Vilmar. *Mapeando a Geografia Escolar: identidades, saberes e práticas*. Uberlândia, MG. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia 2009.

CHIVANGUE, Andes. *Economia Informal e Políticas em Moçambique: Lógicas e Práticas dos Mukheristas*. Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina. 21 pgs. Universidade Eduardo Mondlane. 2014.

FRANCISCO, António da Silva; PAULO, Margarida. *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique*. Centro de Estudos Africanos. Moçambique. 2006

GOVERNO DE MOÇAMBIQUE. *Portal Eletrônico do Governo de Moçambique*. Disponível em <<http://www.portaldogoverno.gov.mz/>>. Acesso em 22/03/2017.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Inquérito demográfico e de saúde de Moçambique*. Moçambique. Calverton, EUA. 2011.

IYENDA, Guillaume. Street enterprises, urban livelihoods and poverty in *Kinshasa*. *Environment and Urbanization*. Vol. 17. 55-67. 2005.

MBOKOLO, E. *História da África Negra*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MIRANDA, et. al. Troca de Saberes: Novos Enfoques Metodológicos na Construção do Conhecimento Agroecológico na Zona da Mata Mineira. ISSN: 2179-3624. In: *I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: campo e cidade em busca de caminhos comuns*, 2012, PELOTAS. 2012.

MORAIS, João Sousa. *Maputo, Património da Estrutura e Forma Urbana*, Topologia do Lugar. Livros Horizonte. 110 pgs. 2001.

PAULO, Margarida; ROSÁRIO, Carmeliza; INGE, Tvedten. “Xiculungo”: *Relações Sociais da Pobreza Urbana em Maputo, Moçambique*. Relatórios CMI. Michelsen Institute. ISBN 978-82-8062-247-1. Bergen, Norway. 2007.

PEMM. Perfil Estatístico do Município de Maputo. *Conselho Municipal de Maputo*. Direcção Municipal de Actividades Económicas. 2013. Disponível em: <www.cmmaputo.gov.mz>. Acesso em 20/04/2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano*. Nova Iorque: PNUD, 2016.

SCHNEIDER, Friedrich; ENSTE, Dominik. Shadow Economies Around the World: Size, Causes and Consequences. IMF Working Paper, WP/00/26. 2002.

SITOE, Intasse. Incêndio destrói barracas e bancas no mercado de Xipamanine em Maputo. 2015. Jornal Moçambique. Disponível em: <<http://www.verdade.co.mz/newsflash/54619->

incendio-destroi-barracas-e-bancas-no-mercado-de-xipamanine-em-maputo>. Acesso em 10/04/2017.

Sobre os autores

João Henrique Santana Stacciarini – Professor Substituto no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/FACIP). Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia.

Liara Cristina da Silva - Professora Substituta no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Catalão. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Catalão.

Recebido para avaliação em outubro de 2017

Aceito para publicação em maio de 2018